

À PROCURA - DO AQUI, DO MAR, DOS MAPAS, DAS PALAVRAS

CAROLINE POLICARPO VELOSO

Caroline Policarpo Veloso é graduada em letras pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu pesquisa de mestrado acerca de aproximações entre escrita filosófica e escrita literária. Publicou o livro *Cartografia do silêncio*, contemplado pelo edital PROAC-SP em 2018. Tem também publicações em algumas revistas e coletâneas.

Este artigo, arriscando uma aproximação entre ensaio e poema, explora estratégias de compreensão, registro e comunicação. A partir do livro *Parque da ruínas*, de Marília Garcia, que menciona a experiência de um diário fotográfico, convoca-se considerações de Roland Barthes sobre a fotografia como um documento talvez impreciso e insuficiente, por mais que tecnicamente fiel. Discute-se também dificuldades e êxitos de meios de representação e registro a partir de poemas de Ana Martins Marques.

fotografia,
mapas,
leitura, repre-
sentação,
distância.

“dizer algo sobre estar aqui:”

vou começar pelos dois pontos que terminam o fragmento
de *parque das ruínas* mencionado na chamada
como quem pega o microfone que alguém estende
como quem pega uma caneta e um papel que não está em branco
para começar seu turno continuando

demorei, aliás, para reencontrar no *parque das ruínas* o verso citado
que tinha copiado em meu caderno sem anotar a página

leio folheio volto
rápido e devagar
leio releio e não encontro
as palavras familiares que certamente estão lá
bem no começo imagino talvez
mas me escapam

procurei pelos dois pontos
(uma estratégia como qualquer outra)

achei a mancha azul da caneta que vazou no meu exemplar
nas páginas 32 e 33
achei alguns grifos e rabiscos
achei inúmeros outros dois pontos
e comecei a tentar listá-los
[“ele olha e vê” (p. 19), “*avoir lieu* ter lugar:” (p. 26), “algo aparece:” (p. 34)]
mas me perdi no livro e não achei o trecho que procurava
e conto isso aqui porque acho que tem a ver
com o tema:
essa necessidade de procurar algo que pode parecer óbvio
essa dificuldade em ver algo que passou em minha frente

os dois pontos: uma ponte

atravesso

a procura talvez tenha sido uma forma de me reencontrar
com o *parque*
lê-lo de forma diferente
afinal, como escreve marília em outro livro
"parece que a gente está sempre buscando conhecer de novo
refazer o caminho até as coisas" (2016, p. 33)

enfim encontro a citação
(demorei muito para conseguir ler
o que estava escrito na página
três quatro vezes passei reto - inabilmente atenta em minha procura
- a tentativa de atenção não me garante nada)

a página inteira em itálico do *parque das ruínas* fala sobre atravessar a
pont marie
e todos os dias no mesmo horário tirar ali
"uma foto diária que possa dizer algo sobre estar aqui:"
e então o livro caminha carregando, entre outras, a pergunta
"o que fazer com as fotos?" (GARCIA, 2018, p.25)

elas ajudam a entender alguma coisa?

...

em a *câmara clara*, roland barthes conta da decepção que sente diante
de todas as fotos de sua mãe, exceto uma - uma foto antiga dela menina
- "uma foto perdida, distante, que não se parece com ela, de uma criança
que não conheci" (2017, p. 94)

antes de encontrar essa, que chama de Fotografia do Jardim de Inverno,
barthes procura a mãe em diversas fotos e não a encontra
ou o que encontra não o satisfaz, não lhe parece verdadeiro o suficiente

nessas fotos insatisfatórias, barthes diz que “sempre a reconhecia apenas por pedaços, ou seja, não alcançava seu ser, e, portanto, toda ela me escapava” (2017, p.65)

ele buscava “a verdade da face” que tinha amado (2017, p.66)

mas que verdade é essa que consegue escapar das fotografias?
que verdade é essa que pode não estar na maioria das imagens de alguém?

“justo uma imagem, mas uma imagem justa”, é o que diz desejar (2017, p. 67), ele que relata ser “tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura” a cada vez que se deixa fotografar (2017, p. 26)

então de que precisa uma imagem para ser justa? por que a inautenticidade é tão frequente?

por que é tão difícil alcançar a justiça, a precisão, a verdade, (ou percepção delas) em uma técnica que consiste exatamente em registrar e reproduzir o que estava, ao menos por um instante sem dúvida esteve, diante da lente da câmera? pode ser infiel um registro feito assim?

[]

no *parque das ruínas* é citado o filme *smoke*, no qual o personagem auggie tira todos os dias, por anos, uma foto da esquina de sua tabacaria. quando as mostra a um amigo, paul, este considera que elas parecem a princípio iguais

“afinal partem do mesmo ângulo
e enquadram o mesmo ponto
mas aos poucos
nessa repetição dos dias
paul vê” (GARCIA, 2018, p. 28)]

quero voltar depois a esse ver em *itálico*, que reaparece muito ao longo do *parque das ruínas*. por hora, destaca-se essa surpresa de encontrar algo imprevisto em meio às centenas de fotos extremamente semelhantes. de certo auggie não imaginava ao certo o que se daria a ver em sua coleção de fotografias,

“mas em determinado momento alguma coisa
aparece nas fotos

uma aparição

um espectro:

o fantasma da mulher de paul surge
ela já estava nas fotos antes
mas só pode ser vista por uma certa lente

a lente de quem está vendo” (GARCIA, 2018, p. 29)

nessa descrição recortada do filme feita por marília garcia no poema, tirar diversas fotografias de um mesmo local, guardar registros, pode ser uma forma de abertura ao acaso do que pode vir a aparecer naquele conjunto em um momento futuro, para o olhar de outra pessoa. uma forma de apostar que pode ser que se esteja registrando mais do que se imaginava, mais do que se conseguia ver ao fotografar.

no momento da fotografia, sabe-se talvez muito pouco do que pode vir a ser visto nela.

[]

essa aparição fantasmática nas fotografias no filme *smoke* ressoa algo do empenho de roland barthes em encontrar, nas fotos de uma pessoa amada, algo de verdadeiro, embora seja uma situação diferente

não é que paul estivesse buscando reconhecer sua mulher naquelas fotos da esquina da tabacaria feitas pelo seu amigo
não é que estivesse buscando qualquer coisa em específico
enquanto roland ao menos vagamente sabia o que procurava

é "a verdade - a verdade para mim" (2017, p.100)
o que ele admite buscar
e assim lembra que resiste na pesquisa algo de pessoal
algo de um corpo a corpo
que não deixa de ser compartilhável, argumentável

para usar os termos de a *câmara clara*, o que busca é um "É isso!": "a Fotografia do Jardim de Inverno, na qual mais do que reconhecê-la (palavra muito grosseira): na qual eu a encontro" (2017, p. 99). um encontro certo, a ponto de arrancar uma exclamação de que o experiencia. uma foto na qual o eu "não está separado dele mesmo: enfim ele coincide" (2017, p. 100).

barthes, que conta ter se interessado pela Fotografia "por 'sentimento'" e diz querer "aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida" (2017, p.26), escreve também que a Foto "só pode responder a meu desejo louco com algo indizível: evidente (é a lei da Fotografia) e todavia improvável (não posso prová-lo. Esse algo é o ar" (2017, p. 99)

"o ar não é um dado esquemático, intelectual", "não é uma simples analogia", "o ar de um rosto é indecomponível", "o ar é essa coisa exorbitante" (p. 99), "a sombra luminosa que acompanha o corpo" (p. 100)

há algo nessa definição que se fortalece pela imprecisão
talvez porque precisa do corpo a corpo, do encontro
- “o afeto era o que eu não queria reduzir” (2017, p. 25)

algo que, como o *punctum*, “grita em silêncio” (2017, p. 52)

pois barthes escolheu escrever sobre fotografias que o punham

e chama de *punctum*: aquilo que fere / pune / marca / transtorna

assim, na pesquisa a que se propõe, trata-se, também, de encontrar, ser
transpassado, por algo que vem como uma flecha - uma ferida, uma pica-
da, uma pontuação (2017, p. 30-31) e ir em busca de “saber o que, nessa
foto, me dá o estalo” (ibid., p. 24)

contudo, às vezes é difícil dizer, compartilhar com clareza isso que ocorre.
“o efeito é seguro, mas não sociável [...] é certo e no entanto aterrissa
em uma zona vaga de mim mesmo” (BARTHES, 2017, p. 52)

quando propõe em a *câmara clara* que “no fundo - ou no limite - para ver
bem uma foto mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos” (BARTHES,
2017, p. 55)

é como quando diz em outro livro
que tentou escrever uma leitura *levantando a cabeça*
irrespeitosa e apaixonada
que corta o texto, a ele volta e dele se nutre (2004, p. 26)

então, para definir com muita concisão isso que, com roland barthes, torna certas fotografias pontuadas, cortantes, para ter umas poucas e curtas palavras a agarrar para continuar,

há o “é isso!”

e há o *ar*

...

no poema “O que ela pensou na primeira vez que viu o mar”, de ana martins marques em *risque esta palavra*, me parece ocorrer algo parecido com o ato de roland barthes de olhar dezenas de fotos de uma pessoa amada, para somente em uma delas - uma antiga foto de criança, em certo sentido dessemelhante da mulher com quem conviveu - encontrar o seu “É isso!”.

a personagem do poema, ao ver o mar pela primeira vez, teria pensado que não era “o mar de verdade”, “o mar real”, mas um simulacro, um outdoor, “um painel anunciando o mar” (MARQUES, 2021, p. 53). este mar que encontra, “quase doméstico”, “antimarinho”, não prometia “mundos desconhecidos”

o desejo pedia o indomesticado, o mistério

esse poema sobre o mar que parecia um simulacro (um mar insuficiente, que não correspondia às expectativas, às ficções, aos desejos) remete a algo muito constante na poética de ana martins marques - que gostaria aqui de colocar em conversa com os livros de roland barthes e marília garcia: a dificuldade de representação, de registro, as distâncias entre olhar, ver e dizer.

o que se busca parece ser conseguir ver
e dizer

(não sem ruído
não sem silêncio
não sem lacuna, sem ferida aberta)

na forma de um “É isso!”
algo sobre o que está ao redor

...

a decepção com o mar no poema citado de *risque esta palavra* - uma decepção talvez deslocada, que provoca estranhamento - não é bem a mesma de quem procura, pela janela de um ônibus, em viagem, as “linhas vermelhas das fronteiras” ou os “nomes luminosos das cidades / pairando sobre elas / como nos mapas” (MARQUES, 2015, p. 44), mas há um eco.

nesse outro poema, presente na seção cartografias do *livro das semelhanças*, a promessa é, ao descer do ônibus, entregar nas mãos de quem espera na rodoviária “as linhas desfeitas das fronteiras”, “cada um dos nomes das cidades” (ibid.). isso apesar de, como dito nos versos citados antes, não tê-los a rigor encontrado. entregar aquilo que não se encontrou: as linhas imaginárias das fronteiras. não encontrar, e, no entanto, encontrar: é algo dessa ambivalência que sustenta o poema. ao atravessar o mundo, é em certo sentido (e essa ressalva é um ponto chave) também o mapa, às vezes as palavras, o que se atravessa.

no mundo comedido dos mapas, “não ventava nem chovia / e nunca era noite”. falta nele algo das intempéries, da imprevisibilidade do mundo exterior - apesar, apesar de se poder também nos mapas se perder, e sobre eles desenhar veleiros, esquecer laranjas (MARQUES, 2015, p. 43).

há “viajantes de mapas, turistas de nomes de cidades” (ibid., p. 62).
e podemos nos perguntar em que medida estarão certos
“os que veem o mundo como um grande volume ilustrado
no entanto sem legendas sem índices remissivos sem notas explicativas
os que conhecem as cidades apenas pelo nome
e acham que cabem no nome muitas coisas” (ibid., p. 61)

a dúvida que fica é:
entre o que cabe nos nomes (ou nos mapas) e o que escapa deles,
quais as perdas e ganhos? qual o jogo?

como dizem octávio paz e paul de man
no poema “epígrafe” de o *livro das semelhanças*:
a palavra pão pode ser tocada pela luz da palavra dia
e ao mesmo tempo
ninguém espera que uvas amadureçam sob a luz dessa palavra

então
podem ou não podem,
são ou não, as palavras?

essa pergunta se repete se multiplica se quebra
ao longo do livro

o que interessa são as semelhanças - que afinal não passam de seme-
lhanças - entre representação e - que nome dar aquilo que não é represen-
tação? realidade é a palavra exata?

apesar de tudo o que podem os mapas e as palavras, não deixa de ser
possível “tocar o seu corpo mas não o seu nome” (MARQUES, 2015, p.
63), e também é verdade que “é mais difícil esconder um cavalo do que a
palavra cavalo” (ibid., p. 63).

uma imensa distância, um fracasso intransponível, anda ao lado
- não em oposição, mas em enlace - ao sucesso extremo
dos mapas e das palavras

(da representação
do registro
da narrativa)

a representação pode muito, imensamente,
contudo também é tremendamente insuficiente

resta e resiste uma inconveniência
uma inexatidão sem solução
que é precisamente a fenda que se abre

...

para concluir
quero contar um pouco de um exercício pessoal
sobre isso de olhar, ver, registrar
que deve muito à leitura dos textos citados até aqui

quase sempre quando vou ao mar
eu o fotografo, o filmo
mas ao rever as fotos, passado um tempo
às vezes mal me lembro em qual cidade foi que vi aquele mar daquele modo
muito menos quando

amargo-doce esse não-saber

(mas desconfio que talvez o mar não seja
“a única coisa que não muda porque muda sempre” (MARQUES, 2015, p. 70)
que o movimento constante não previna um movimento mais definitivo)

quase sempre quando vou ao mar em algum momento
me parece que não o encontro
que não era isso o que eu procurava

quase sempre também em algum outro momento
eu o encontro bruscamente ou depois de algum empenho
com uma intensidade de apertar o peito

e gostaria de registrar isso, guardar
a sensação

nessas horas em que tento ver
e *dizer*
meu aqui

me pergunto se poderia uma fotografia ou um poema uma anotação
guardar pra mim algo desse instante que passa e escapa

eu acho que sim, às vezes, sim,

no entanto às vezes tentar registrar só faz evidente a insuficiência do registro, a sua falha

[]

me reconheço no trecho de *a câmara clara* em que barthes diz, sobre sua busca de “enfim saber” a verdade sobre uma foto que estuda, que

os “esforços são dolorosos [...] porque às vezes me aproximo, estou quente: em tal foto, creio perceber os lineamentos da verdade” (2017, p. 93)

mas é difícil, é sutil

“essa identidade é imprecisa, imaginária mesmo” (2017, p. 93)

aquilo que se procura reconhecer ou definir escapa facilmente

“Assim é a Foto: não pode *dizer* o que ela dá a ver” (2017, p. 93)

mas a um texto se poderia acusar a mesma coisa, a um conjunto de palavras que supostamente digam algo também se pode questionar se é isso mesmo se o que pretendem dizer é o que dizem de fato

também com as palavras se pode ter “a ilusão de que basta limpar a superfície [...] para ter acesso ao *que há por trás*” (2017, p. 93)

mas não é mais fácil ler um texto do que uma foto do que uma paisagem

...

às vezes quero iniciar algum tipo de expedição
- poderia ser simples, uma fotografia tirada da janela do quarto -
mas teria que ter
uma pergunta entranhada
a expectativa de encontrar, descobrir algo

[uma pergunta, ainda que eu não saiba qual]

...

talvez eu esteja procurando um mar imaginário ficcional
como a personagem do poema da ana

(ou não: estou à espreita para os momentos
em que meu mar inventado coincida com o que estiver diante de mim

estou coletando observações, memórias, amostras
do mar que existe
para melhor compor minha ficção)

assim como ana também
“sei que o que aprendi do mar não foi o mar” (2015, p. 82)

(embora o mar seja somente uma escolha entre tantas
de algo em que tentar se concentrar longamente
para ver se com a prática se consegue *ver* melhor
o que já se estava olhando há muito tempo)

volto à pergunta do *parque das ruínas*:
como ver o aqui? como registrá-lo?

como *ver* - com esse itálico tensionado de sentidos - alguma coisa?

(como estar aqui? como prestar atenção?)

tiro fotos - duas três quatro cinco fotos
extremamente parecidas
e quando as comparo é como jogar aquele jogo dos sete erros
passando de uma para outra na tela do celular

qual prefiro?
o que aparece nesta aqui que não está na outra?
é muito muito difícil especificar
mas há algo que muda

tenho vontade de montar uma exposição
com essas fotos do mar
propondo esse jogo ao público
(talvez o que está nas minhas fotos fique mais visível para outros olhos)

mas seria interessante?
haveria algo para ver?

procuro e não encontro
algo que tenho (quase) certeza de que está ali
[onde?]
talvez eu precise recomeçar
um estudo teórico
ler tudo mais devagar
mas talvez a questão não seja a velocidade e sim encontrar um olhar
que talvez me ensinem só o tempo as leituras a meditação o acaso a sorte

...

lendo barthes em a *câmara clara*
não é uma teoria da fotografia que busco

(e poderia até me demorar tentando, agora, décadas
depois de sua escrita, pensar o quanto muda agora que
as fotos são mais fáceis e rápidas, agora que são pro-
vavelmente disponíveis em excesso e mais facilmente
editáveis)

é um estudo sobre como ler
o que se tenha diante dos olhos

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GARCIA, Marília. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.

_____. *Um teste de resistores*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das letras, 2021.